

CINE SANTA MARIA E O DESTINO DOS CINEMAS DE RUA NA LÓGICA DA MODERNIDADE

CINE SANTA MARIA AND THE FATE OF STREET CINEMAS IN THE LOGIC OF MODERNITY

Fernanda Victória Alves dos Reis, Arquitetura e Urbanismo, UEG/CET, fvadr@aluno.ueg.br
Maíra Teixeira Pereira, Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo, UEG/CET, maira.pereira@ueg.br
Miriã Kelly Costa Nascimento, Arquitetura e Urbanismo, UEG/CET, miria.nascimento@aluno.ueg.br
Paulo Eduardo Silva Moreira, Arquitetura e Urbanismo, UEG/CET, paulo.moreira@aluno.ueg.br

Resumo: O processo de modernização das cidades provocou mudanças profundas na configuração dos Centros urbanos e na relação dos indivíduos com os equipamentos culturais. Em Anápolis, o Cine Santa Maria, inaugurado em 1959, exemplifica esse fenômeno. Inicialmente símbolo da modernidade e do lazer coletivo, foi desativado e convertido em estacionamento, acompanhando uma lógica recorrente de apagamento urbano. A comparação com o Cine Piratininga (1943), em São Paulo, revela que essa transformação não é pontual, mas parte de um padrão que envolve a valorização do transporte individual, o esvaziamento dos espaços públicos e a ausência de políticas de preservação. A modernidade, em sua constante busca por novidade, torna obsoletos os espaços que não se adaptam às novas exigências de consumo e mobilidade. A análise evidencia que a perda dos cinemas de rua não se limita à esfera cultural, mas está diretamente ligada à reconfiguração das práticas urbanas e à fragilização da memória coletiva.

Palavras-chave: Salas de cinemas de rua; Anápolis; Cine Santa Maria; Cine Piratininga; Modernidade.

Abstract: The process of modernization in cities has brought about profound changes in the configuration of urban centers and in individuals' relationship with equipment cultural spaces. In Anápolis, the Cine Santa Maria, inaugurated in 1959, exemplifies this phenomenon. Initially a symbol of modernity and collective leisure, it was deactivated and converted into a parking lot, following a recurring logic of urban erasure. The comparison with Cine Piratininga (1943), in São Paulo, reveals that this transformation is not isolated, but part of a pattern that involves the valorization of individual transportation, the emptying of public spaces, and the absence of preservation policies. Modernity, in its constant pursuit of novelty, renders obsolete the spaces that do not adapt to new demands for consumption and mobility. The analysis shows that the loss of street cinemas is not limited to the cultural sphere, but is directly connected to the reconfiguration of urban practices and the weakening of collective memory.

Keywords: Street cinemas; Anápolis; Cine Santa Maria; Cine Piratininga; Modernity.

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua trajetória Anápolis, tem se caracterizado por estar em constante movimento, desde suas origens, no final do século XIX, com a passagem dos tropeiros, até a chegada da ferrovia, na década de 1930. Cada fase de seu desenvolvimento esteve intrinsecamente ligada aos fluxos de transporte e comunicação. De acordo com Pereira e Rodrigues (2024, p.1), “a narrativa sobre a evolução urbana de Anápolis poderia ser descrita como a história dos fatos, de cenas em movimento”.

A implantação da ferrovia foi um fato marcante para a cidade, pois desencadeou diversos processos e a implantação de novos equipamentos urbanos, para dar suporte à realidade que começava a se apresentar. Foi nesse cenário de desenvolvimento e de transformações que o primeiro cinema de Anápolis, o Cine Bruno, foi concebido, em 1924.

O cinema assumiu papel importante na vida urbana, como uma nova forma de entretenimento e lazer e como símbolo da modernidade e cosmopolitismo. O ritmo acelerado da vida urbana, a fragmentação da experiência e as novas formas de percepção visual foram elementos que moldaram tanto a modernidade, quanto a estética cinematográfica. (CHARNEY, L; SCHWARTZ, V.R, 2004, p 18).

O fascínio pelo cinema não se limitava apenas à estética inovadora e a suas tecnologias, mas também à forma como ele dialogava com o desejo constante de novidade e mudança. À medida que essa nova arte ganhava espaço no contexto anapolino, seu impacto se refletia na paisagem urbana, com o aumento do número de salas de exibição na cidade, que passaram a coexistir. Esse fenômeno pode ser compreendido dentro da lógica moderna, que, segundo Jurgen Habermas (2017), se define pela busca contínua de expressar o espírito de sua época em renovação constante. Assim, o cinema não apenas representava a modernidade, mas também contribuía para sua expansão no cotidiano urbano.

Paradoxalmente, as mesmas forças modernizadoras que promoveram o surgimento desses espaços culturais também contribuíram para sua obsolescência. A modernidade, como descreve Marshall Berman (1986), é um processo contraditório, que, ao mesmo tempo em que promete crescimento, transformação e novas possibilidades, também ameaça

destruir tudo o que já foi construído. No turbilhão constante da modernização, nada permanece estável por muito tempo, e os cinemas de rua, antes símbolos de urbanidade e progresso, passaram a ser vistos como ultrapassados diante das novas lógicas de consumo e da reconfiguração dos centros urbanos.

Com o passar do tempo, muitos cinemas de rua foram fechados, e seus edifícios foram reutilizados para funções distintas, como estacionamentos. Esse é o caso do Cine Santa Maria, inaugurado em 1959, que, segundo pesquisas realizadas no Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, encerrou suas atividades em meados dos anos 1980. O edifício foi concebido originalmente para abrigar uma oficina, a IndusPina. Após o encerramento das atividades cinematográficas, passou a funcionar como estacionamento. Essa tendência também é observada em diversas cidades brasileiras, como em São Paulo, onde o antigo Cine Piratininga (1943), projetado pelo arquiteto Rino Levi (1901-1965), teve sua desativação no final da década de 1970, sendo posteriormente convertido em estacionamento.

A comparação entre esses dois casos se faz necessária para podermos entender melhor as seguintes questões: como ocorreu o processo de desativação e posterior conversão de antigos cinemas de rua em estacionamentos? E como fatores como a decadência dos centros, a valorização da cultura automobilística e a ausência de políticas de preservação do patrimônio arquitetônico contribuíram para esse processo?.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

A construção deste trabalho baseou-se na articulação entre levantamento documental, pesquisa bibliográfica e interpretação dos fatos históricos. O ponto de partida foi a investigação da história do Cine Santa Maria. Para isso, realizou-se um levantamento de jornais disponíveis, *Figura 1*, no Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho, localizado no Centro da cidade de Anápolis, Goiás, com o objetivo de compreender como o cinema se inseria na dinâmica social e urbana do período em que esteve em funcionamento. Essa etapa foi essencial para mapear sua trajetória, desde a inauguração até sua conversão em estacionamento, identificando datas, eventos e registros noticiosos que indicassem sua relevância no cotidiano urbano.

Contamos também com o acervo documental da pesquisa “Modernidade em cena: salas de cinema de rua em Anápolis”, da qual somos integrantes, e com os textos produzidos por Pereira (2024), coordenadora da pesquisa, fundamentais para entender a importância das salas de cinema na construção da paisagem do Centro original e sua relação com o processo de modernização da cidade.

Figura 1: Matéria no Correio do Planalto de set/out de 1975 sobre os cinemas de rua.



Fonte: Arquivos do Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho. 2023.

A fundamentação teórica envolveu autores que tratam do tema modernidade e suas diferentes materialidades e manifestações, como Marshall Berman (1986), que contribuiu com o entendimento da modernidade como um processo contraditório, no qual a constante renovação implica também destruição de referências culturais. A ideia de efemeridade moderna foi essencial para compreender o apagamento simbólico dos cinemas de rua. Jürgen Habermas (2017) também foi referenciado para discutir como a modernidade busca continuamente expressar o espírito

de sua época, o que ajudou a contextualizar a ascensão e posterior obsolescência desses espaços culturais.

Sobre o contexto específico da cidade de Anápolis, foram somados outros trabalhos, como o de Silva e Valva (2020) e o de Luiz E.R. Silva (2019), que contribuíram com informações históricas importantes para compreensão do processo de modernização do Centro da cidade e da instalação das salas de cinema. O artigo de Silva e Santos (2014) permitiu compreender a importância estratégica da cidade de Anápolis, como nó de conexão regional, ao discutir a relação entre território e infraestrutura ferroviária, o que desencadeou na instalação de equipamentos culturais como o cinema.

Para além do caso anapolino, foi analisado o Cine Piratininga, em São Paulo, utilizando como referência o trabalho de Ferreira (2019). A análise comparativa entre os dois casos buscou identificar padrões semelhantes de desvalorização e conversão de cinemas de rua, refletindo uma lógica comum de transformação dos centros urbanos brasileiros. A obra de Renato Anelli (2010) contribuiu com a compreensão da arquitetura dos cinemas como símbolo da modernidade, permitindo refletir sobre a importância desses edifícios para a construção de uma identidade urbana moderna. O texto de Leo Charney e Vanessa R. Schwartz de 2004 amplia a discussão sobre a origem dos cinemas e reforça a argumentação de que o cinema é um equipamento urbano e cultural genuinamente moderno, o qual impactou de maneira direta o modo de vida, o consumo, o lazer, a linguagem arquitetônica e os usos dos espaços urbanos dos contextos em que foram implantados.

Por fim, a discussão sobre a perda da qualidade dos espaços públicos e da rua como lugar de encontro e convivência foi embasada nas reflexões de Salvador e Barone (2018), que discutem o pensamento de Jan Gehl no redesenho das cidades contemporâneas, propondo uma inversão da lógica de planejamento em favor da escala humana. Essa abordagem ajudou a compreender como a cultura do automóvel e a fragmentação urbana impactaram diretamente a desvalorização dos cinemas de rua, como o Cine Santa Maria.

O trabalho combinou, portanto, análise teórico-conceitual com pesquisa documental, relacionando escalas distintas e autores diversos para compreender como a modernidade influenciou o surgimento e o desaparecimento das salas de cinema de rua.

RESULTADOS

A análise da trajetória do Cine Santa Maria revelou um processo de transformação diretamente ligado aos valores de cada época e às dinâmicas da modernidade. Inicialmente, as salas de cinema de rua desempenhavam um papel importante no circuito cultural da cidade, refletindo o dinamismo da modernidade e a valorização do entretenimento coletivo. Sua localização em áreas centrais garantia fácil acesso à população, consolidando esses espaços como pontos de encontro e de vivência urbana. A experiência coletiva da exibição cinematográfica fazia parte do cotidiano, promovendo interação social e estimulando a formação de hábitos culturais. No entanto, ao longo das décadas, as novas demandas da vida moderna se sobrepuseram ao valor que esses espaços tinham para a população, impulsionando mudanças e descaracterização em seu uso original. O avanço tecnológico, aliado a mudanças nos hábitos de lazer, contribuiu para a diminuição do público, tornando a manutenção desses espaços cada vez mais inviável.

A conversão do Cine Santa Maria em estacionamento ocorreu num contexto de desvalorização dos cinemas de rua e de expansão da infraestrutura voltada para veículos, seguindo uma tendência observada em diversas cidades brasileiras. Esse fenômeno está relacionado a transformações urbanas mais amplas, como o crescimento da malha viária, a descentralização das áreas de comércio e lazer e a migração de atividades culturais para shopping centers. Com o aumento da frota de automóveis e a consequente demanda por vagas de estacionamento nos centros urbanos, edifícios que antes abrigavam cinemas passaram a ser reutilizados para atender essa necessidade. Em muitos casos, essa conversão ocorreu com adaptações arquitetônicas, descaracterizando os edifícios e apagando suas referências originais.

O estudo do Cine Piratininga, localizado no Centro de São Paulo, como objeto de comparação, confirma esse padrão, demonstrando como a desativação dos cinemas de rua se relaciona à reestruturação dos Centros urbanos e à priorização do transporte individual. O Cine Piratininga, inaugurado em 1943 e projetado pelo arquiteto Rino Levi, teve suas atividades encerradas no final da década de 1970, período em que os cinemas de rua já enfrentavam dificuldades para competir com as novas formas de exibição cinematográfica. Posteriormente, o edifício foi

transformado em estacionamento, evidenciando a fragilidade da preservação de espaços culturais e históricos diante das pressões econômicas e imobiliárias.

Além dos fatores econômicos e das mudanças urbanas em favor do trânsito de automóveis, a ausência de políticas efetivas de preservação do patrimônio contribuiu para que esses edifícios fossem reutilizados conforme as exigências da vida moderna, sem considerar seu valor histórico, cultural e identitário para a cidade. A falta de incentivos à conservação e recuperação desses espaços e sua conversão em equipamentos culturais alternativos, que atendam às novas demandas da vida moderna, resultou na perda de parte da memória urbana. Em outros países, iniciativas de reutilização adaptativa demonstram que antigas salas de cinema podem ser transformadas em teatros, centros culturais ou espaços multiuso sem comprometer sua relevância simbólica. Um exemplo disso é o The Castro Theatre (1922), localizado em São Francisco, nos Estados Unidos da América, onde o antigo prédio de cinema foi readaptado para manter sua função ligada à cultura e ao encontro público. No Brasil, no entanto, essa abordagem ainda é pouco explorada, e o destino mais comum para esses edifícios tem sido a conversão em empreendimentos comerciais ou estacionamentos.

A transformação dos cinemas de rua em estacionamentos reflete um processo mais amplo de reorganização do espaço urbano, no qual o lazer e a cultura cedem lugar a estruturas funcionais destinadas à mobilidade. Ao longo das décadas, essa mudança alterou significativamente a relação da população com os centros urbanos, antes espaços de convivência e sociabilidade, hoje cada vez mais voltados ao fluxo de veículos e ao consumo rápido. O Cine Santa Maria, assim como muitos outros, deixou de ser um ponto de encontro para se tornar uma área de passagem, evidenciando a forma como a modernidade molda e, ao mesmo tempo, apaga vestígios de sua própria história.

DISCUSSÃO

A trajetória do Cine Santa Maria evidencia o paradoxo constante que a modernidade carrega em si, conforme descrito por Marshall Berman (1986): aquilo que em determinado momento simboliza inovação e progresso rapidamente se torna obsoleto diante de novas dinâmicas urbanas e sociais. O cinema de rua, que já representou a vanguarda do entretenimento e da

vida cultural coletiva, tornou-se uma peça descartável no jogo da efemeridade moderna. Seu desaparecimento não pode ser explicado apenas por mudanças nos hábitos de consumo, mas deve ser entendido dentro de um processo mais amplo de reconfiguração dos centros urbanos, onde os espaços de lazer e convivência foram gradualmente substituídos por estruturas funcionais e economicamente mais viáveis.

Essa transformação ganhou força à medida que as atividades culturais e de lazer migraram para os shopping centers, espaços fechados e controlados que passaram a concentrar o consumo cultural e social. Paralelamente, a popularização das plataformas digitais alterou profundamente a relação do público com o cinema: o caráter coletivo das sessões foi sendo substituído por uma experiência individualizada e fragmentada, onde cada um consome conteúdo em sua própria casa, diante de sua própria tela. Essa mudança de comportamento não ocorreu isoladamente, mas foi acompanhada por transformações físicas nas cidades. A necessidade de adaptar os centros urbanos às novas demandas de mobilidade e a herança do planejamento urbano voltado à circulação de veículos, em detrimento das pessoas, fizeram com que muitos edifícios culturais perdessem sua função original, sendo reutilizados sem qualquer reconhecimento de seu valor histórico.

A vontade de ser moderno, entendido como uma diferenciação do que é arcaico, passa por uma valorização estética das manifestações da técnica e da urbanidade, de maneira semelhante ao futurismo, que glorifica a velocidade e a destruição daquilo que é velho. Nesse processo tudo que é novo se torna igualmente moderno (Anelli, p. 263, 1992).

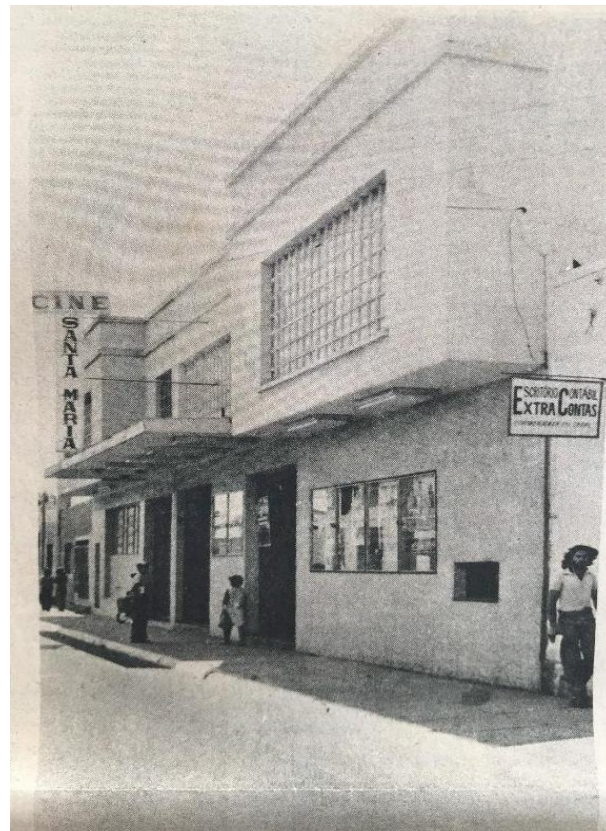
Essa lógica de transformação urbana se insere num contexto ainda mais amplo. O homem moderno, movido por um desejo insaciável de mudança e novidade, alterou radicalmente sua relação com a cidade. O que antes era um espaço de contemplação, encontro e permanência, passou a ser um território de passagem, pautado pela velocidade e pela funcionalidade. Com isso, a própria estrutura da cidade foi sendo moldada para atender esse novo modo de viver. A rua, que durante séculos serviu como palco de trocas sociais e experiências coletivas, foi dominada pela lógica do automóvel. O crescimento das vias expressas e a separação entre funções urbanas intensificaram a dependência do transporte individual, esvaziando o sentido social do espaço urbano. Calçadas se estreitaram, áreas de lazer desapareceram,

e o pedestre foi relegado a um papel secundário (Barone; Salvador, sp. 2018).

Dentro desse cenário, o Cine Santa Maria seguiu o caminho comum a muitos equipamentos culturais urbanos. Inaugurado num momento em que Anápolis vivia um intenso processo de urbanização e dinamismo cultural, o cinema localizava-se numa área que reunia outras opções de lazer, inclusive outro cinema, que era o Cine Teatro Imperial, atraindo públicos diversos. De acordo com Pereira (2024), o cinema era um empreendimento da empresa Cinematográfica Anapolina, possuía os recursos tecnológicos mais sofisticados já implantados na cidade, tinha capacidade para mil pessoas e a maior sala de espera de Anápolis. O Jornal O Anápolis [jan./mar. de 1962], identificado no Museu Histórico, afirma que se tratava “do cinema mais moderno do interior do Brasil”.

A arquitetura mais geométrica e abstrata do Cine Santa Maria, *Figura 2*, expressava uma nova linguagem, a estética da modernidade, e refletia o anseio de inserir a cidade no circuito cultural contemporâneo.

Figura 2: Fachada do Cine Santa Maria na década de 1970.



Fonte: Correio do Planalto, 1975, p.15.

No entanto, com o passar dos anos, especialmente a partir da década de 1980, a popularização da televisão, o surgimento dos videocassetes e, posteriormente, a construção de salas de cinema em shoppings contribuíram para a perda de público. O edifício acabou sendo desativado, e hoje tem sido utilizado como estacionamento, *Figura 3*, ilustrando como a cidade, orientada pelas lógicas modernas de funcionalidade e consumo, já não reconhecia o valor simbólico e social desses espaços. Sua conversão em estacionamento representa uma mudança drástica de função, típica das transformações impulsionadas pela modernidade urbana.

Figura 3: Interior da antiga sala de projeção do Cine Santa Maria em abril de 2024.



Fonte: Pereira, 2024, p.287.

O caso do Cine Piratininga, em São Paulo, reforça essa leitura. Localizado no Centro da cidade, o cinema foi inaugurado em 1943, e projetado pelo renomado arquiteto Rino Levi. Com capacidade para mais de 1.800 pessoas, era um dos maiores cinemas da capital e se destacava tanto por sua arquitetura moderna, quanto pela relevância cultural que teve durante décadas. Funcionava como um ponto de encontro importante e abrigava produções nacionais e estrangeiras, atuando como vitrine do que havia de mais atual no cinema. A partir do final da década de 1970, começou a perder espaço para os cinemas de shopping, e posteriormente foi desativado. Sem receber proteção patrimonial efetiva, acabou sendo transformado em estacionamento, *Figura 4 e 5*, repetindo o padrão de descaracterização que se observa em outras cidades brasileiras. A comparação entre os dois casos demonstra que esse não é um fenômeno pontual ou restrito a Anápolis, mas sim parte de um padrão recorrente em diversas escalas urbanas. A ausência de

políticas eficazes de preservação do patrimônio cultural, somada à lógica da rentabilidade imediata, revela a fragilidade do planejamento urbano voltado à valorização da memória e da identidade local.

Figura 4: Fachada do Cine Piratininga em São Paulo década de 1940.



Fonte: <https://saopauloantiga.com.br/cine-piratininga-o-fim-definitivo/>.

Figura 5: Interior do Cine Piratininga em 2019.



Fonte: Ferreira, 2019, p.45

Essa ausência de iniciativas que articulem preservação e adaptação às novas necessidades urbanas aponta para um modelo de desenvolvimento, que privilegia a renovação constante em detrimento da permanência. Em outras cidades ao redor do mundo, experiências bem-sucedidas mostram que é possível

transformar antigos cinemas em centros culturais, teatros ou espaços multifuncionais, preservando sua relevância simbólica. Um exemplo disso é o do já citado The Castro Theatre, inaugurado em 1922, um dos cinemas históricos mais emblemáticos dos Estados Unidos. Em vez de ser convertido em estacionamento, demolido, ou transformado em espaço comercial, o espaço passou por um processo de intervenção para funcionar como cinema, palco para festivais e centro cultural da comunidade LGBTQIA+, mantendo sua função ligada à cultura e ao encontro público. No Brasil, porém, a falta de debate público e de incentivos adequados resulta, muitas vezes, em soluções pragmáticas que apagam a história desses lugares e reduzem sua função a atividades estritamente utilitárias.

Diante disso, surgem questões fundamentais sobre o papel da arquitetura e do urbanismo na construção das cidades contemporâneas, e sua relação com a herança da modernidade. Até que ponto a lógica da modernidade deve determinar as dinâmicas urbanas e a obsolescência de espaços que foram fundamentais para a vida urbana? Como equilibrar progresso e memória? O Cine Santa Maria é um exemplo emblemático de como, no turbilhão da modernidade, aquilo que hoje é essencial pode, em poucas décadas, ser descartado. A história da cidade não precisa ser marcada apenas por apagamentos. Com políticas mais sensíveis ao valor cultural e arquitetônico desses espaços, é possível resgatar significados, propor novos usos e fortalecer os vínculos entre passado, presente e futuro na experiência urbana.

CONCLUSÕES

A trajetória do Cine Santa Maria evidencia como a lógica da modernidade impacta diretamente a forma como os espaços culturais são valorizados, reutilizados ou descartados. A efemeridade que caracteriza o pensamento moderno transforma símbolos de inovação em estruturas obsoletas, dentro de um espaço de poucos anos, reforçando um modelo urbano pautado pela funcionalidade e pelo consumo. Essa dinâmica não apenas apaga referências culturais importantes, como também compromete a relação das pessoas com a memória coletiva da cidade. A compreensão desse processo permite pensar em alternativas que articulem permanência e renovação, reconhecendo o valor simbólico desses espaços e abrindo caminhos para

formas mais sensíveis de construir, habitar e preservar a cidade.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, meu porto seguro e motivação. A meu irmão, que sempre me instiga a buscar novos horizontes. À orientadora Maíra, que me abriu um novo universo.

REFERÊNCIAS

ANELLI, R.S. Arquitetura de cinemas em São Paulo: o cinema e a construção do moderno. In: GUERRA, Abilio (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira: v.1.** São Paulo: Romano Guerra, 2010. p. 263-277.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Editorial. Cinema. In: **O Anápolis**, Anápolis, jan./mar. de 1962, sp.

Editorial. Cinema: uma diversão pioneira. In: **Correio do Planalto**, Anápolis, set./out. de 1975, p.15.

FERREIRA, J. M. **Cine Piratininga: um novo significado.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Belas Artes, São Paulo, 2019/2. Disponível em: https://issuu.com/juliamota13/docs/tfg_cinepiratininga_juliamotaferreira. Acesso em: 10 abr. 2025.

HABERMAS, J. **A modernidade: um projeto inacabado.** Tradução de Sara Seruya. Prefácio de Cláudia Álvares. 2. ed. Lisboa: Nova Vega, 2017.

SILVA, A. M.; SANTOS, R. J. O gigante dormiente: o lugar nos trilhos da ferrovia Norte-Sul. **Sociedade & Natureza**, v. 26, n. 1, p. 49–62, jan./abr. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-451320140104>.

PEREIRA, M. T. A presença da ausência: registros das salas de cinema de rua em Anápolis. **Nós: Cultura, Estética e Linguagens**, Anápolis, v. 10, n. 2, p. 278-304, 2º semestre de 2024. ISSN 2448-1793. DOI: <https://10.5281/zenodo.14984180>.

PEREIRA, M. T; RODRIGUES, E. C. **Arquiteturas fantasmas.** In: Seminário nacional pensando o projeto, pensando a cidade, 4., Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024

SALVADOR, L. M.; BARONE, G. P. **Jan Gehl e o desenho urbano das cidades contemporâneas: de Copenhague a São Paulo.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 19, n. 217.04, Vitruvius, jun. 2018.

SILVA, L. E. R. **A conquista dos olhares: história das salas de cinema de rua em Anápolis (1924-1960).** 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2019.

SILVA, A.C.C; VALVA, M.D. **A modernização da cidade de Anápolis (GO) e a repercussão no seu Centro Pioneiro.** *Memória em Rede, Pelotas*, V. 12, n.22, jan/jun. 2020.

NASCIMENTO, Douglas. **Cine Piratininga – o fim definitivo.** São Paulo Antiga, 30 jan. 2008. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/cine-piratininga-o-fim-definitivo/>.